Barbosa, ídolo negro do futebol e sinônimo de resiliência

» JORGE SANTANA
Escritor e professor doutor em história do Instituto Federal do Paraná

Em 9 de julho 2014, o vespertino Diário de Pernambuco estampou na capa, em letras garrafais: "Barbosa, descanse em paz", em referência à maior tragédia sofrida pela Seleção Brasileira na semifinal da Copa das Copas, o famigerado 7 X 1. Essa capa genial era um pedido de desculpas ao grande goleiro e ídolo Moacyr Barbosa e, consequentemente, a todos os vice-campeões da primeira Copa do Mundo com sede em nossa Terra de Vera Cruz. O propósito do romance histórico — escrito por este articulista — para ser lançado no centenário de seu protagonista, que intitulei Desculpas, meu ídolo Barbosa é o mesmo do periódico pernambucano, um pedido de perdão ao grande camisa número 1 da Cruz de Malta, um perdão que esta nação o deveu por anos a fio.

Como sempre diz a filha do grande goleiro e defensora do seu legado, a Tereza Borba: "Barbosa não se resume apenas a 1950, é muito mais do que isso". Faço coro com ela, pois acredito que dissertar sobre esse atleta de primeira categoria é muito mais do que apenas uma partida de futebol. Um menino negro, pobre, nascido em Campinas (última cidade a abolir a escravidão no Brasil), em uma família de 11 filhos e que, por meio do esporte, conseguiu viajar o mundo, ter milhões de fãs e marcar a história do futebol para sempre.

Barbosa, poucos sabem, foi o primeiro guarda metas e um dos mais ousados, pois também foi o primeiro a bater tiro de metas, quando tal prática era proibida para os guardadores de rede. Foi ele também quem defendeu o pênalti que deu ao Vasco da Gama o título de primeiro campeão de clubes do continente sul-americano, em 1948 defendendo pênalti do craque Labruna, do River Plate). Foi ele e só poderia ser ele, o grande muro intransponível que impedia o time do Vasco de tomar gols, que ganhou tudo, tudo mesmo, em meados do século 20 e foi apelidado de Expresso da Vitória.

Apenas três anos após estrear no futebol profissional, Barbosa já vestia a camisa da seleção mais vencedora do planeta. Era um goleiro elegante, arrojado, que tirava o fôlego dos torcedores ao fazer suas belíssimas defesas de mão trocada. Um monstro debaixo das traves, mas que sofreu em vida devido ao racismo que insiste em persistir no Brasil. Se os atacantes e goleadores sofreram e sofrem com o racismo, vide Vini Júnior, imagine o goleiro, sempre o culpado pelos insucessos de qualquer time, desde a pelada de pés descalços no campo de terra até no maior evento de futebol do planeta (Copa do Mundo), goleiros são culpados e ainda mais se forem negros.

Em uma parte do livro, quando descrevo o momento em que o protagonista retorna do Maracanã após assistir ao Brasil vencer a Copa América de 1989 contra os charruas, o significado da graça do ídolo é revelado por seu amigo Bira: "No táxi voltamos animados, altos pela bebida e falantes, Bira falava pelos cotovelos. No meio da viagem, ele me perguntou se eu sabia o significado do meu nome, respondi que não com a cabeça. Então, Bira revelou que meu nome vem da língua tupi significava "o que vem da dor". E completou dizendo estar muito feliz em compartilhar um momento de alegria como esse ao meu lado. Porque ele sabia o quanto eu vinha dor gerada no dia 16 de julho de 1950 e me afligia durantes anos e toda essa dor tinha nascido no Maracanã. E naquele dia eu estava expurgando parte da minha dor. Ele sabia disso e queria estar ao meu lado nesse momento. Um silêncio tomou conta do táxi, nos demos um abraço forte" (Santana, 2022).

A origem ameríndia do nome Moacyr revela a potência de Barbosa para resistir e superar as agruras e desafios de ser negro ao sul do Equador. Meu ídolo Barbosa tem inúmeras características que poderia citar aqui, porém queria chamar a atenção para a resiliência desse homem. Mesmo depois de todas as críticas infundadas, acusações levianas e manifestações de racismo, ele renasceu após a derrota para a Celeste.

Ganhou brasileiro de clubes, campeonato carioca, torneio Bahia — Pernambuco e Rio — São Paulo enfrentando Pelé, Garrincha, Nilton Santos, Pepe e outros semideuses do futebol. A resiliência significa "resistência ao choque, à adversidade" e isso ele teve de sobra, um impávido diante dos desafios da vida. Ave São Barbosa!

Finalizo este artigo com um PS: Toda solidariedade ao craque brasileiro Vini. Jr, vítima de racismo nos estádios da Espanha. Destaco uma frase para o craque, da escritora Conceição Evaristo: "Eles combinaram de nos matar, nós combinamos de não morrer".



Ecos do G7

» JOSÉ HORTA MANZANO
Escritor e blogueiro

"Nós, os líderes do Grupo dos Sete (G7), [...] estamos tomando medidas para apoiar a Ucrânia pelo tempo que for necessário em face daguerra ilegal de agressão da Rússia." Essas são as primeiras palavras do comunicado final da cúpula do G7, havida recentemente em Hiroshima. O longo texto, firmado pelos dirigentes das democracias que integram o grupo, se estende por 19 mil palavras distribuídas em 66 tópicos. A abrangência do documento é vasta: valores comuns, não proliferação de armas nucleares, tensões na região indo-pacífica, economia global e dezenas de outros pontos. Assim mesmo, a menção à "guerra de agressão da Rússia" em primeiríssimo lugar mostra a importância que ela assumiu aos olhos das democracias mais maduras.

O Brasil, em nome de sabe-se lá que doutrina, está em dissonância com a unanimidade exibida pelas três dezenas de países que compõem o dito Ocidente. Em março passado, comentando decisões estabanadas do governo brasileiro, uma agência de notícias comentou: "Nas últimas semanas, o Brasil de Lula enviou uma delegação à Venezuela, recusou-se a assinar uma resolução da ONU condenando as violações dos direitos humanos na Nicarágua, permitiu que navios de guerra iranianos atracassem no Rio de Janeiro e recusou-se a enviar armas para a Ucrânia, em guerra com a Rússia".

Como se vê, depois do calamitoso quadriênio Bolsonaro, o Brasil é escrutado com atenção. Quanto à guerra na Ucrânia, Lula permanece mergulhado num negativismo obstinado, incapaz de enxergar a realidade cristalina: a Ucrânia, país independente, livre e soberano, foi brutalmente invadida por tropas russas, em guerra de conquista territorial. Parece que Luiz Inácio (e assessores) são os últimos que resistem a admitir isso. Nosso presidente insiste em enroscar-se com declarações tiradas do bolso do colete. Já disse que "a decisão pelo conflito foi tomada por dois países", um descalabro. Referindo-se à Crimeia, já declarou que "a Ucrânia, também, não pode querer tudo", outra barbaridade. "Não cabe a mim decidir de quem é a Crimeia ou o Donbas", declarou um Lula esquecido de que o Brasil foi um dos primeiros, 30 anos atrás, a reconhecer a Ucrânia, dentro de suas fronteiras oficiais.

Luiz Inácio persiste em apregoar sua crença num mundo multipolar, sem potência dominante. Sua guerra particular contra o dólar americano mostra isso. Quer Lula goste ou não, sua sonhada utopia está cada dia mais longe. A impressionante evolução da China, impensável 20 anos atrás, embaralhou as cartas do jogo mundial. Os EUA não estão em declínio, apesar do que Lula da Silva possa almejar. A Rússia, essa sim, tem decaído. Portanto, não é preciso consultar uma bola de cristal para saber como será o equilíbrio de forças nas próximas décadas: teremos a volta da guerra fria — que já aponta na esquina. De um lado, a China e seus aliados; de outro, os Estados Unidos e o Ocidente.

O país de Putin, empobrecido, desprestigiado e privado de projeção internacional, será fatalmente atraído para a órbita da China, país do qual está se tornando vassalo. Sem o amparo chinês, a Rússia teria enorme dificuldade para sobreviver. Essa nova e previsível divisão do equilíbrio mundial entre dois polos (EUA e China) está por trás da intensa movimentação da diplomacia comercial mundial destes últimos anos. Países de peso territorial, populacional e econômico estão sendo cortejados. Está aí a razão do convite de participação estendido a Brasil, Vietnã, Indonésia, União Africana, Coreia do Sul e outros.

Lula já deu um grande passo ao declarar, em discurso oficial no G7, que o Brasil condena a violação do território da Ucrânia. Por fim, um posicionamento menos inquietante. O bom senso informa que nosso país, por sua história, língua e cultura, faz parte do mundo ocidental. Por mais que respeitemos a civilização chinesa e a russa, não descendemos de lá. A árvore genealógica de nosso povo nos prende ao mundo atlântico, na encruzilhada África, Europa e América.

Lula e o Itamaraty precisam reconhecer que um país invadido por tropas estrangeiras tem o direito (e o dever) de se defender. Ajudá-lo a repelir o invasor não é "tomar um lado"; é respeito ao direito internacional. Presidente, deixe de lado a vaidade de ser aquele que pôs fim à guerra — quimera que não se realizará. Mostre empatia para com os infelizes ucranianos e reponha o Brasil nos trilhos da civilização. O futuro vai lhe agradecer.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // *circecunha.df@dabr.com.br*

A marcha da humanidade sob o farol da liberdade

Em tempos passados, as eleições norte americanas não ocupavam muito espaço na mídia brasileira. Vivíamos num mundo disperso e as ideias de globalização eram ainda apenas interrogações na cabeça de alguns pensadores e teóricos. Nosso interesse no grande irmão do Norte se prendia ao cinema, moda, novidades no mundo automobilístico e coisas do gênero. Com o processo de interação mundial, provocado pela globalização dos mercados, com a consequente formação de grandes blocos comerciais, a interdependência econômica entre os países se transformou numa realidade presente e inescapável.

Países que a princípio rejeitavam a ideia de uma Aldeia Global foram levados na correnteza de um mundo em rápida transformação. Também a emergência de uma nova tecnologia, interligou todo o planeta de modo instantâneo, encolhendo distâncias geográficas e temporais. Hoje, tudo interessa a todos a todo momento. Isso porque o que ocorre a milhares de quilômetros daqui, interfere no nosso dia a dia.

Nesse sentido, é possível inferir que o retorno do conservadorismo nos Estados Unidos (EUA), com um conjunto de promessas de cunho sempre protecionistas e nacionalistas, trará consequências também para o Brasil. Em primeiro lugar porque os EUA representam o segundo mercado para as exportações brasileiras. Também é naquele país que estão residindo hoje mais de um milhão de imigrantes brasileiros, na sua maioria, em situação irregular. De toda forma, fôssemos estabelecer um ranking para aferir quem mais poderá perder com uma possível volta de Donald Trump, ou alguém com um perfil parecido, à Casa Branca nas próximas eleições, será a turma da esquerda que tomou de assalto o Partido Democrata, mas que não conta com a simpatia da maioria dos americanos interioranos, ou seja, aqueles que não vivem nas capitais, possuem raízes históricas e acima de tudo não escondem o ardor por ideias como nacionalismo e outros.

Não chegará a ser surpresa se as próximas eleições, tanto americanas quanto as que serão realizadas no Brasil em 2026 marcarem a volta do conservadorismo. O mundo civilizado e onde as regras parecem valer, vive como sempre: entre sístoles e diástoles, com vantagens ora para as esquerdas, ora para a direita. Ao liberalismo, segue sempre o fechamento econômico e o protecionismo. A globalização, com sua pretensão de unir as economias mundiais sob um só comando, finge não se importar com as dicotomias entre esquerda e direita. O que é fato, é que sob o domínio político das esquerdas o globalismo enxerga maiores oportunidades de avançar.

O nacionalismo ou o patriotismo de direita tem sido um empecilho ao avanço da ideia de aldeia global. Lá como cá, o mundo segue de olho nas oportunidades e brechas para avançar. Nessa marcha da humanidade, nos caminhos traçados pela democracia Ocidental, o que é sempre preciso e urgente não se desviar dos ideais de liberdade e do respeito às leis, sobretudo aquelas chamadas leis maiores que regem nações e asseguram um ambiente livre de soluções de arbítrio.

» A frase que foi pronunciada

"Restaure-se a moralidade ou locupletemo-nos todos!"

Stanislaw Ponte Preta

Susto

» Vida de jogador de futebol é assim. Enquanto está jogando bola tudo corre bem. Quando resolve pisar na bola, daí os inimigos vibram. Douglas Pereira exagerou na dose e numa discussão em passeio no Lago Paranoá resolveu calar a oposição com um tiro para o alto. Sofre as consequências.

Mais opções

» Passa por um processo importante a Agência Nacional do Petróleo. Elabora um diagnóstico concorrencial para analisar mecanismos de ampliação na concorrência do mercado de gás. A concentração da Petrobras deve acabar em breve. Muitas universidades poderiam colaborar nesse documento.

Seria assim

» Questão intrincada teria sido discutida na casa de Chá Flor do Abaeté. Multados em R$ 55 milhões os defensores do kit covid. O tal kit não tinha comprovação científica de que protegia contra a covid-19. Sem celeumas, os frequentadores da Casa de Chá tocariam o dedo na ferida. A vacina contra a covid-19 também não mostrou eficácia, dado que muitos vacinados contraíram o vírus. Pior. Na bula era explícito de que não havia responsável técnico.

» História de Brasília

A Quadra 48, do Ipase, na W-3, continua sendo a mais esquecida. Lama, descuido e falta de administração. (**Publicada em 20/3/1962**)